

O povo e a língua mehinaku (arawak) do Alto Xingu (Mato Grosso), Brasil

Angel Corbera Mori
Universidade Estadual de Campinas
Campinas, Brasil
angel@unicamp.br
ORCID: 0000-0003-1712-6550

Resumo

Este texto tem como objetivo apresentar um breve panorama da realidade étnica, linguística e cultural da nação brasileira, tendo como foco as línguas faladas pelos povos originários. Logo, em seguida, aborda-se a família linguística arawak, resumindo os trabalhos iniciais que reconheceram essa família linguística. Trata-se, igualmente, da classificação interna da família e das línguas arawak faladas no território brasileiro. Uma segunda seção do artigo é dedicada a uma descrição sumária da língua mehinaku, salientando suas principais características morfossintáticas, tais como a ordem dos constituintes maiores, a morfologia da posse nominal e o uso dos morfemas classificadores de forma e de consistência. Os exemplos apresentados neste artigo são dados primários, coletados pelo próprio autor em diversos trabalhos de campo junto aos falantes da língua mehinaku, habitantes originários do Alto Xingu, Mato Grosso, Brasil.

Palavras chave: Línguas indígenas, Alto Xingu, povo mehinaku, posse nominal, classificadores

The people and the Mehinaku (Arawak) language of the Alto Xingu (Mato Grosso), Brazil

Abstract

This paper aims to present a brief overview of the ethnic, linguistic and cultural reality of the Brazilian nation, focusing on the languages spoken by the indigenous nations. Soon after, the Arawak language family is approached, summarizing the initial works that recognized this linguistics family. It also deals with the internal classification of this family and of the Arawak languages spoken in the Brazilian Territory. A second section of this paper is devoted to a summary description of the Mehinaku language, emphasizing its main morphosyntactic characteristics, such as the order of its major constituents, the morphology of nominal possession and the use of classifier morphemes related to form and consistency. The data presented in this article were collected by the author himself in various fieldworks along the speakers of Mehinaku language, native inhabitants of Alto Xingu, Mato Grosso, Brazil.

Keywords: Indigenous languages, Alto Xingu, Mehinaku people, nominal possession, classifiers

1. Povos originários no Brasil

Os povos originários no Brasil, chamados também indígenas, são conformações de diversas sociedades ou etnias, diferentes entre si, que se materializam em quanto a seus costumes e crenças próprias, além de serem falantes de línguas de troncos e famílias linguísticas diferentes. O reconhecimento em manter as línguas e culturas tradicionais, é garantido pela Constituição Brasileira de 1988, que em seu artigo 231 assinala¹:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

A Constituição Brasileira também garante constitucionalmente o direito de preservação e estudo das línguas originárias nas escolas. Tal como estipula o artigo 210 § 2^o:

¹ Brasil. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988* (Brasília, DF: Presidência da República, 2016).

² *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*.

O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

A sistematização estatística dos dados do censo de 2010 por parte do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística,³ registrou 817.963 pessoas que se autodeclararam indígenas, constituído por populações localizadas tanto em territórios indígenas quanto aquelas que se encontravam morando em diversas regiões urbanas. Desse total, 502.783 moravam em zona rural e 315.180 em diversos centros urbanos.

Por sua parte, o Instituto Socioambiental⁴, em sua publicação *Povos indígenas no Brasil 2011/2016*, registrou um total de 715.213 indígenas, dados consolidados, por essa instituição, a partir de informações extraídas de diversas fontes, principalmente daquelas que são o resultado de trabalhos de campo realizado por diversos pesquisadores, membros de ONGs, e outros organismos que desempenham suas atividades junto a um determinado povo indígena.

Os dados do censo de 2010 também registraram a existência de 305 etnias, enquanto para⁵ o registrou apenas 252 delas. Em termos de número de línguas indígenas ainda faladas no Brasil, o IBGE⁶ elencou 274, total que difere daquele que se costuma encontrar em publicações acadêmicas, que geralmente consideram 180 línguas indígenas. Por exemplo, Rodrigues⁷, em sua abordagem inicial sobre o número de línguas, afirmava que «com maiores ou menores afinidades entre elas, o que temos ainda hoje no Brasil são cerca de 180 espécies linguísticas, e esse número representa, no máximo 15% da quantidade que existia há 500 anos». Posteriormente, em outra publicação ele registrou 199 línguas⁸.

Estudos realizados por outros linguistas de universidades brasileiras divergem respeito ao número das línguas originárias que ainda continuam sendo faladas. Assim, sob outra perspectiva, pesquisadores do

³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010.

⁴ Instituto Socioambiental. *Povos indígenas no Brasil: 2011-2016*, editado por Beto Ricardo e Fany Ricardo. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017.

⁵ Instituto Socioambiental. *Povos indígenas no Brasil: 2011-2016*, editado por Beto Ricardo e Fany Ricardo. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017, 17.

⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010.

⁷ Aryon Dall'Igna Rodrigues, «Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas», *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* 9, no. 1 (1993): 83-103.

⁸ Aryon Dall'Igna Rodrigues, *Línguas indígenas brasileiras* (Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas, 2013 Publicação Online).

Museu Paraense Emilio Goeldi apontam «que embora venha sendo repetido com frequência que 180 é o número de línguas indígenas brasileiras, pelo critério de inteligibilidade mutua, a soma dificilmente ultrapassa 150»⁹. Por outro lado, D'Angelis¹⁰, com base numa análise sistemática de dados publicados em fontes confiáveis de organismos como FUNASA, FUNAI, ISA, UNESCO e CIMI, considera que o número de línguas ainda sendo faladas seria inferior a 160. Noutra publicação, este mesmo autor considera que «afirmar a existência de 160 línguas indígenas vivas, no Brasil hoje, já é um ato de otimismo. O número real possivelmente esteja mais próximo de 150 línguas»¹¹. Tanto em D'Angelis quanto nas conclusões dos linguistas do Museu Goeldi¹² fica implícito o fato que no cálculo total do número de línguas faladas são excluídas variedades dialetais que pertencem a uma mesma língua. Como apontam Moore; Galucio; Gabas¹³ «Idiomas considerados diferentes às vezes são, de fato, dialetos de uma mesma língua, frequentemente refletindo divisões étnicas e políticas».

Independentemente de haver um consenso sobre o número específico de línguas originárias atualmente faladas no Brasil, os linguistas costumam agrupa-las, levando em conta suas relações de parentesco que guardam entre si. Dessa forma, reconhecem-se a existência de 43 famílias linguísticas, algumas dessas famílias linguísticas partilham uma relação ainda muito mais pretérita, sendo englobadas em TRONCOS LINGUÍSTICOS: i) o tronco macro-jê, constituído por 10 famílias linguísticas, sendo a família jê a mais importante tanto pelo número de línguas faladas quanto pela expansão geográfica, ii) o tronco tupi, também integrado por 10 famílias linguísticas; delas, a família tupi-guarani tem maior relevância pelo número de línguas e pela sua expansão geográfica¹⁴. Além das famílias e troncos linguísticos há seis (6) línguas indígenas faladas no Brasil consideradas «isoladas», pois não partilham características comuns com outras línguas incluídas dentro de uma família linguística específica. Nessa categoria são inseridas as línguas aikanã (RO), irantxe/mynky (MT), kanoê (RO), trumai (MT), kwaza (RO) e tikuna (AM). Também não podemos deixar de mencionar o reconhecimento de dois povos indígenas que falam línguas crioulas que se

⁹ Denny Moore, «Línguas indígenas», em *Os contatos linguísticos no Brasil*, organizado por Heliana Mello; Cléo V. Altenhofen e Tommaso Raso (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011), 217-239.

¹⁰ Wilmar R. D'Angelis, «Línguas indígenas no Brasil: urgência de ações para que sobrevivam», em *Revitalização de língua indígena e educação escolar indígena inclusiva*, organizado por Anari B. Bomfim e Francisco V. Ferreira da Silva. Salvador: Egba, 2014, 93-117.

¹¹ Wilmar R. D'Angelis, «Línguas indígenas no Brasil: quantas eram, quantas são, quantas serão?», em *Revitalização de línguas indígenas: que é? Como fazemos*, organizado por Wilmar R. D'Angelis (Campinas: editora Kurt Nimuendajú, 2019), 13-26.

¹² Moore, «Línguas indígenas».

¹³ Moore, «Línguas indígenas».

¹⁴ Rodrigues, *Línguas indígenas brasileiras*; Moore, «Línguas indígenas».

constituíram a partir do contato com falantes do crioulo francês falado na Guiana Francesa: a língua galibí marworno (Galibí de Uaçá) e o karipuna do norte (Karipuna do Amapá). Além disso, há povos que continuam mantendo seus padrões socioculturais, mas por diversos fatores sócio-históricos, passaram a ser falantes monolíngues em língua portuguesa. É o caso dos torá (Txapakura, AM), umutina (Bororo, MT), kamba (Isolada, MS), entre outros.

Quanto à existência de etnias, sabe-se que há, pelo menos, 50 delas que preferem se manter em «isolamento» voluntário, fugindo do contato com a sociedade nacional brasileira. É muito provável que alguns desses povos falem línguas que ainda não foram registradas ou, noutros casos, sejam falantes de variedades de uma língua ou línguas já conhecidas. Um fato significativo quando se considera a distribuição geográfica das línguas indígenas atualmente faladas no Brasil, é sua maior espraiação pela Amazônia Legal,¹⁵ aproximadamente 140 línguas.

2. A família linguística Arawak ou Aruak

A família linguística arawak, mais conhecida como aruak em publicações acadêmicas editadas no Brasil, está composta pelo maior número de línguas faladas na América do Sul. Geograficamente, esta família se expande por quatro países da América Central: Belize, Honduras, Guatemala, Nicarágua e oito países da América do Sul: Bolívia, Brasil, Colômbia, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela. Línguas arawak originariamente faladas nos territórios dos países do Paraguai e da Argentina foram extintas ou, provavelmente, se incorporaram a povos falantes de outras línguas¹⁶. É muito possível que ainda se falem 47 línguas dessa família, de um total que, inicialmente, teriam sido 89¹⁷ ou 154, segundo o registro de Loukotka¹⁸.

¹⁵ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a Amazônia Legal composta por 52 municípios de Rondônia, 22 municípios do Acre, 62 do Amazonas, 15 de Roraima, 144 do Pará, 16 do Amapá, 139 do Tocantins, 141 do Mato Grosso, bem como, por 181 Municípios do Estado do Maranhão situados ao oeste do Meridiano 44°, dos quais, 21 deles, estão parcialmente integrados à Amazônia Legal. Possui uma superfície aproximada de 5.015.067,749 km², correspondente a cerca de 58,9% do território brasileiro.

¹⁶ Alexandra Y. Aikhenvald, «The Arawak language family», em *The Amazonian languages*, editado por R.M.W. Dixon e Alexandra Y. Aikhenvald (Cambridge: Cambridge University Press, 1999), 65-106.

¹⁷ G. Kingsley Noble, *Proto-Arawakan and its descendants* (Bloomington: Indiana University Press, 1965).

¹⁸ Čestmír Loukotka, *Classification of South American Indian languages* (Los Angeles: Latin American Center, University of California, 1968).

A denominação arawak surgiu a partir do nome da língua lokono-arawak, que ainda é falada na Guiana Francesa, Guiana, Suriname e Venezuela¹⁹. O parentesco genealógico das línguas arawak foi reconhecido, por primeira vez, por Filippo Salvatore Gilij em 1783, padre jesuíta italiano que no período colonial realizava suas atividades missionárias na Venezuela, na região do rio Orinoco. Para o reconhecimento da família, Gilij se guiou pela comparação das marcas de pessoa no maipure, uma língua riginária falada na Amazônia Boliviana. Segundo Gilij:

[...] no deyo de ver que tanto entre mojos como entre maipures hay también palabras diferentes entre sí, y acaso lo son la mayoría. ¿Pero qué importa esta para no decir que vienen de la misma fuente? [...] Por lo demás la lengua moja conserva todavía rasgos de la maipure²⁰.

Gilij usou o nome da língua maipure²¹ para denominar a família linguística, daí que muitas vezes, se encontra em publicações o nome de línguas maipure. Posteriormente, Brinton²² substituiu a denominação maipure por arawak, e atualmente o termo tem relação com a denominação da língua lokono-arawak falada pelos povos arawak que se localizam no leste da Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Venezuela. Gradualmente, a designação da família sob o nome arawak ganhou maior acolhida no âmbito internacional tendo passado a ser de uso maioritária entre os pesquisadores das línguas arawak²³.

Brinton²⁴ assim como von den Steinen²⁵ aprimoraram o entendimento da família dividindo-a em dois subgrupos i) línguas *Nu-Arawak* e ii) línguas *TA-Arawak*²⁶, tomando como base as formas livres da primeira e segunda pessoa, os mesmos que ocorrem também como clíticos marcadores do possuidor no sintagma genitivo e de pessoa nos verbos no interior do sintagma verbal. As línguas do Alto Xingu, mehinaku, waurá, yawalapiti, além de línguas externas ao Território Indígena do Xingu, como terena, paresi, enawenê-nawê, wapixana e outras são *Nu-Arawak*.

¹⁹ Marie-France Patte, *Parlons Arawak. Une langue amériquienne d'Amazonie* (Paris: L'Harmattan, 2008).

²⁰ Noble, *Proto-Arawakan and its descendants*, 276

²¹ A língua maipure, atualmente extinta, era falada no território do Vichada na Colômbia e na região amazônica da Venezuela.

²² Daniel Garrison Brinton, *La raza americana: Clasificación lingüística y etnográfica de las tribus indígenas de América del Norte y del Sur*, tradução de Alejandro G. Perry (Buenos Aires: Editorial Nova, 1891[1946]).

²³ Aikhenvald, «The Arawak language family», 65-106.

²⁴ Daniel Garrison Brinton, *La raza americana: Clasificación lingüística y etnográfica de las tribus indígenas de América del Norte y del Sur*.

²⁵ Karl von den Steinen, *Entre os aborígenes do Brasil Central*, tradução de Egon Schaden (São Paulo: Departamento de Cultura, 1940 [1894]).

²⁶ As línguas TA-Arawak são faladas por povos que habitam região do Caribe como os añú, lokono, guajiro e taíno.

As línguas arawak partilham algumas características comuns, tais como a distinção morfossemântica na estrutura de posseção nominal. Esta distinção se dá pela subcategorização nominal entre nomes alienáveis e inalienáveis. São considerados nomes inalienáveis os termos relacionados a partes do corpo, termos de parentesco e alguns nomes muito íntimos à pessoa possuidora. Estes nomes, em construções de posseção nominal, devem ocorrer obrigatoriamente com a indicação do possuidor. Os alienáveis não precisam obrigatoriamente ser possuídos para ocorrer no léxico da língua.

Outra característica relevante das línguas arawak é a ocorrência do morfema privativo *ma-* e do atributivo *ka-*. Em mehinaku, por exemplo, encontram-se construções como *ma-katü-wa* [privativo-perna-pessoa] ‘sem perna’, *ma-tulu-naku-wa* [privativo-orelha-interno-pessoa] ‘surdo/a’, *me-me-we-lu* [privativo-marido-pessoa-feminino] ‘solteira’, *ma-kanatü-wa* [privativo-boca-pessoa] ‘mudo/a’; *ka-yana-pai* [atributivo-pintura-imperfectivo] ‘está pintada’, *ke-me-neu-pai* [atributivo-marido-plural-imperfectivo] ‘estão casadas’, *nu-ka-nu-pai* [1pessoa-atributivo-esposa-imperfectivo] ‘sou casado’, *ke-ata-pana-la-müna* [atributivo-árvore-CL.poliforme-POSS-ícone] ‘rico’, ‘milionário’.

2.1 Classificação interna da família arawak

Ao que tudo indica, parece não haver discrepâncias significativas entorno às línguas consideradas arawak. Contudo, no que diz respeito à «[r]econstrução, classificação interna e subagrupamento das línguas arawak ainda é uma questão em debate; é necessário um trabalho mais sistemático nas frentes descritiva e comparativa».²⁷ Consoante com os objetivos deste artigo, vamos considerar somente as línguas classificadas no Grupo Oriental²⁸ ou Arawak do Sul, Grupo Pareci-Xingu²⁹; concretamente, a língua falada pelo povo mehinaku.

Na proposta de classificação interna das línguas maipure ou arawak, Payne postula o ramo oriental (*Eastern*) constituído por línguas faladas no Território Indígena do Xingu, Mato Grosso: waurá, mehinaku, yawalapiti e kustenau. A língua kustenau se encontra atualmente extinta, uma concisa informação etnográfica

²⁷ «[r]econstruction, internal classification and subgrouping of Arawak languages is still a matter of debate; further detailed work is needed on both the descriptive and the comparative fronts». Aikhenvald, «The Arawak language family», 73.

²⁸ David L. Payne, «A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions», em *Handbook of Amazonian languages*, v. 3, editado por Desmond C. Derbyshire; Geoffrey K. Pullum (Berlin: Mouton de Gruyter, 1991), 355- 499.

²⁹ Aikhenvald, «The Arawak language family».

e uma lista de 140 vocábulos podem ser encontradas no livro de Steinen³⁰. Uma análise reconstrutiva deste vocabulário foi abordada em Corbera Mori e Ferreira³¹.

No seguinte quadro mostra-se o nome das línguas maipure/arawak que são faladas em território brasileiro.

Unidade linguística/Língua	UF
Apurinã	AM, MT, RO
Axaninka	AC
Baré	AM
Enawenê-Nawê	MT
Kinikinau	MS
Koripako	AM
Manchineri/Maniteri	AC
Paresí (Haliti)	MT

³⁰ Steinen, *Entre os aborígenes do Brasil Central*.

³¹ Angel Corbera Mori e Jackeline do Carmo Ferreira, «Interpretação fonético-fonológica do Kustenau (Arawak) na perspectiva do método reconstrutivo sincrônico», em *Diversidade linguística na América: línguas ameríndias*, v. 1, editado por Dionei Moreira Gomes; María Alejandra Regúnaga e Arthur Britta Scandelari (Brasília: editora: Universidade de Brasília, 2022), 48-79.

Maxineri/ Maniteneri,	AC
Mehinaku/Imiehünaku	MT
Palikur	AP
Paresi	MT
Tariana	AM
Terene	MS, MT, SP
Wapixana	RR
Warekena	AM
Waura/Wauja	MT
Yawalapiti/Yalapühü	MT

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do ISA (2017)

2.1 O povo e a língua mehinaku

O mehinaku, ISO 639-3: *mmb*, é uma língua originária da família arawak/maipure falada pelo povo imiyehünaku que conta com uma população de, aproximadamente, 350 pessoas³². O ISA³³ consigna um total de 286 pessoas.

O povo imiyehünaku atualmente se espalha por quatro aldeias: Aturua, Kaupüna, Utawana e Uyaiyuku. Junto ao povoado da aldeia Utawana encontra-se o Posto Indígena de Vigilância (PIV) criado em 1995 pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), posteriormente o PIV passou a ser denominado Coordenação Técnica Local Curisevo (CTLC).

As quatro aldeias mehinaku mencionadas se encontram localizadas na região sul do Parque Indígena do Xingu, na área conhecida como Alto Xingu, município de Gaúcha do Norte, no estado do Mato Grosso (MT). O Parque Indígena do Xingu, originariamente Parque Nacional do Xingu (atualmente Território Indígena do Xingu), foi criado em 1961 pelos irmãos Villas Boas, durante o governo do presidente Jânio Quadros.

As primeiras abordagens etnográficas e linguísticas relacionadas aos povos indígenas falantes de línguas arawak do Xingu foram publicadas pelo médico-psiquiatra alemão Karl von den Steinen em seu livro *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens* (1894). Publicada inicialmente em alemão, esta obra foi traduzida ao português pelo antropólogo Egon Schaden e publicada em 1940 com o título *Entre os aborígenes do Brasil Central*. Esta publicação relaciona-se com as duas expedições científicas que Steinen fez ao Xingu, no final do século XIX, a primeira em 1884 e a segunda entre 1887 e 1888.

Segundo Steinen, os mehináku, kustenáu,³⁴ waurá e yawalapití são Nu-Aruak, daí que:

poderíamos também reunir numa só tribo os mehináku, waurá e kustenáu. Estas três tribos falam exatamente o mesmo idioma. Constituem também, como veremos, uma só unidade etnológica. Podem [...] serem chamadas tribos ceramistas, palavra que exprime bem o seu distintivo etnológico mais característico.

³² Mayawari Mehinaku, «Empréstimos linguísticos na língua mehinaku». Trabalho de Conclusão de Curso. Barra do Bugres, MT.: Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

³³ Beto Ricardo e Fany Ricardo, eds. *Povos indígenas no Brasil: 2011-2016* (São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017).

³⁴ O Kustenáu já não existe, possivelmente se extinguiu ou se fusionou com outros povos arawak do Xingu.

Temos também os yawalapití, com um idioma bem semelhante. Mas percebe-se, claramente, pelo seu dialeto ser uma tribo Nu-Aruak.³⁵

Outros estudos elencam as línguas mehináku, waurá e yawalapití no grupo Pareci-Xingu, subgrupo Xinguanos³⁶, ou no subgrupo oriental³⁷. Para Franchetto³⁸ as línguas arawak alto-xinguanas são mais próximas das denominadas maipure norte-amazônicas, do que das línguas arawak pré-andinas: asháninka, ashéninka, nomatsiguenga, machiguenga, piro, iñapari e meridionais, como o terena.

Com efeito, as línguas waurá, mehinaku e yawalapiti têm características em comum, «mas o yawalapiti diverge um pouco mais das outras, que estas entre si» (Rodrigues 1986: 69). Para Seki (1999: 419) «waurá e mehinaku são dialetos de uma língua. O yawalapiti compartilha 80% do vocabulário com o waurá-mehinaku, mas a gramática é muito diferente, portanto, não há inteligibilidade mútua, e o yawalapiti deve ser considerado como uma língua à parte»³⁹. Justamente, tanto os mehinaku quanto os waurá podem manter uma comunicação quase fluída entre eles, sem maiores problemas, isso não acontece quando querem se comunicar com os yawalapiti. Por outro lado, tanto os waurá como os mehinaku percebem que a suas falas apresentam algumas diferenças, sobretudo na fonética e na fonologia, assim como no léxico. Etnicamente, os mehinaku consideram os waurá como os «outros nós».

3. Algumas características estruturais da língua mehinaku

O estudo da língua que vimos realizando junto ao povo mehinaku, nos mostra que esta língua mantém características bastante semelhantes aos padrões estruturais de outras línguas da família arawak. Na morfologia, por exemplo, as palavras se estruturam em termos de uma determina base lexical que serve de entrada para a aglutinação de morfemas prefixos, sufixos e proclíticos, com predominância de ocorrência de sufixos, como se pode ver nos seguintes dados;

(1)

a. nu-xe-xu tuma makula-tari yalaki-tsari

³⁵ Steinen, *Entre os aborígenes do Brasil Central*, 197-198.

³⁶ Aikhenvald, «The Arawak language family».

³⁷ Payne, «A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions»; Henri Ramirez, *Línguas arawak da Amazônia Setentrional* (Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2001).

³⁸ Bruna Franchetto, «Línguas e História no Alto Xingu», em *Os povos do Alto Xingu*, organizado por Bruna Franchetto e Michael Heckenberger (Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001), 118.

³⁹ «Waurá and Mehinaku are dialects of one language. Yawalapiti shares 80 per cent vocabulary with Waurá-Mehinaku but the grammar is very different, so that there is no mutual intelligibility and Yawalapiti has to be Considered a separate language».

- 1-irmã-FEM fazer PSD panela-CL.redondo preto-CL.redondo⁴⁰
 ‘minha irmã (irmã menor) fez uma panela redonda e preta’
- b. kuma-pai yamuku-tu-pa-nau pütaka-naku-hã
 existir-IMPF adolescente-CL.cilíndrico-ESTAT-PL aldeia-LOC-ENF
 ‘há muitos jovens na aldeia’
- c. nu-peku-yete a-ya-la ew-exuwi-ta-la n-amiku-la ü-tenu
 1-amigo ASS 1PL-ir-FUT 1PL-anzol-VBLZ-FUT 1-amigo-POSS 3-com
 ‘eu e meu amigo iremos pescar’

Em termo da estrutura sintática, a língua mehinaku organiza a ordem de seus constituintes maiores em termos de AVO nas sentenças transitivas declarativas simples, como se vê em (2):

- (2) a. kükü äitxa-pai ata ü-tai
 tucano comer-IMPF árvore 3-fruta
 ‘o tucano come frutinha’
- b. ün-ünü a-papari-tsa-pai pa-itsu-pa-lu-hã
 3-mãe VBLZ-cuidar-VBLZ –IMPF 3.CORREF-filha-ESTAT-FEM-ENF
 ‘a mãe cuida de sua própria filha’

Em construções com verbos intransitivos ativos a ordem mais comum é SV (3a, 3b), já com verbos intransitivos estativos é comum, mas nem sempre, a ordem VS (4a, 4b). Os exemplos, a seguir, registram essas realizações.

- (3) a. ipiehü pulu-ka-wene-le un-iã
 capivara pular-VBLZ-rio-FUT água-LOC
 ‘a capivara vai pular na água do rio’
- b. n-iyá-la yakaku-wĩ nu-püxanãu tenu
 1-ir-FUT mato-LOC 1-cachorro com
 ‘irei ao mato somente com meu cachorro’
- (4) a. ka-kãi-tsitsu-naku-pai tünexu-tãĩ
 ATRB-som-abdome-LOC-IMPF mulher-DIM
 ‘a menina pensa muito’

⁴⁰ As abreviaturas das glosas citadas neste trabalho são: 1 = primeira pessoa, 2 = segunda pessoa, 3=terceira pessoa, ABSL = absoluto, ASS = assertivo, ATRB = atributivo, CAUS = causativo, CL = classificador, CORR = correferencial, DECL = declarativo, DEM = demonstrativo, DIM = diminutivo, ENF= enfático, ESTAT = estativo, FEM = feminino, FUT = futuro, IMPF = imperfectivo, LOC = locativo, NEG = negativo, PFCT = perfectivo, PL = plural, POSS = possessão, PSSD = passado, SG = singular, VBLZ = verbalizador.

b. tuka-waxü-pai unü üxü tünexu-tâi-ku-hã
 beber-certeza-IMPF água DEM mulher-DIM-DECL-ENF
 ‘esta menina bebe muita água’

3.1. A possessão nominal em mehinaku

O léxico nominal em mehinaku apresenta uma cisão entre nomes alienáveis e inalienáveis. Os nomes da classe nominal inalienável constituem uma classe fechada e devem ocorrer obrigatoriamente ligados a um possuidor, os alienáveis não precisam dessa obrigação, podem ocorrer no léxico da língua sem precisar estar associado a um possuidor e constituem uma classe aberta. A diferença entre essas duas classes de nomes manifesta-se morfológicamente: os nomes inalienáveis, ao serem possuídos, somente precisam dos clíticos pronominais de pessoa/número ou de um nome próprio que assinalam o possuidor. No entanto, os nomes alienáveis, além da indicação do possuidor, devem ser obrigatoriamente marcados pelos morfemas morfológicos de possessão. Outro conjunto restrito de nomes nunca podem ocorrer em construções de posse nominal, nessa classe encontram os nomes referidos a *kalütü* ‘estrela’, *kaamii* ‘sol’, *kexü* ‘lua’, *yamiruka* ‘relâmpago’, *enutxitxa* ‘trovão’, *yamiruka* ‘raio’, *anapi* ‘arco-íris’, *iyepe* ‘nuvens’, *enutaku* ‘céu’.

3.1 Possessão alienável

A possessão alienável se subdivide em quatro tipos ou subclasses: i) nomes que, ao serem possuídos, se estruturam em termos de clítico pronominal/possuidor-base nominal-morfema de posse. O morfema canônico que indica este tipo de posse é dado pelo sufixo *-la*, que ocorre como *-le* \approx *-ra* \approx *-xa*, são alomorfes que ocorrem condicionados fonologicamente pela última vogal da raiz nominal, */-le/* ocorre quando a vogal final da raiz é */e/*, */-ra/* quando é */i/*, */-xa/* quando é */ü/* e */-la/* se a vogal for */u/* ou */a/*⁴¹. Além do mais, a penúltima sílaba da palavra deve ser tónica.

Os seguintes dados mostram a estrutura da possessão alienável⁴², desse tipo de possessão nominal.

⁴¹ Os exemplos listados neste artigo seguem a representação grafêmica que os falantes usam quando escrevem em sua língua. I) Consoantes: */p/*<p>, */t/*<t>, */k/*<k>, */ts/*<ts>, */ʃ/*<tx>, */s/*<x>, */h/*<h>, */m/*<m>, */n/*<n>, */l/*<l>, */r/*<r>, */w/*, */j/*<y>; II) Vogais: */i/*<i>, */i/*<ü> */u/*<u>, */e/*<e>, */a/*<a>. O traço nasal é marcado por til <~>.

⁴² Todos os exemplos da língua mehinaku citados neste trabalho são dados primários coletados pelo autor em diversos trabalhos de campo junto aos falantes dessa língua.

(5)	<i>Não possuído</i>	<i>Glosa</i>	<i>Possuídos</i>	<i>Glosa</i>
	u'ku	‘flecha’	n-u'ku-la	‘minha flecha’
	ma'tapu	‘zunidor’	nu-mata'pu-la	‘meu zunidor’
	'teme	‘anta’	nu-te'me-le	‘minha anta’
	we'he-pe	‘cinza’	nu-wehe-'pe-le	‘minha cinza’
	'maiki	‘milho’	nu-mai'ki-ra	‘meu milho’
	tu'wa-pi	‘esteira’	nu-tuwa-'pi-ra	‘minha esteira’
	ü'xuhü	‘anzol’	n-üxu'hü-xa	‘meu anzol’
	'pahü	‘macaco’	nu-pa'hü-xa	‘meu macaco prego’

ii) Os nomes alienáveis da segunda subclasse recorrem à morfologia não concatenativa. Nesse caso, a última sílaba das formas bases independentes, ao ocorrerem possuídas, se manifestam nasalizadas e acentuadas simultaneamente, como se observa nos dados a continuação:

	<i>Não possuído</i>	<i>Glosa</i>	<i>Possuídos</i>	<i>Glosa</i>
(6).	'itsa	‘canoa’	n-i'tsã	‘minha canoa’
	pu'taka	‘aldeia’	nu-puta'kã	‘minha aldeia’
	i'kiri	‘sapé’	n-iki'rĩ	‘meu sapé’
	'imi	‘óleo’	n-i'mĩ	‘meu óleo de pequi’
	'ulu	‘concha’	n-u'lũ	‘minha concha’

iii) Os nomes da terceira subclasse igualmente se caracterizam pelo uso da morfologia não concatenativa; pois, neste caso, as bases nominais tanto em sua forma possuída como na não possuída, não sofrem alteração alguma na sua linearidade sintagmática segmental. Contudo, ao serem possuídos, a última sílaba da palavra atrai para si, o acento prosódico, como se vê nos dados de (7).

	<i>Não possuído</i>	<i>Glosa</i>	<i>Possuídas</i>	<i>Glosa</i>
(7)	pa'lata	‘pente’	pi-piala'ta	‘teu pente’
	e'tene	‘remo’	p-ete'ne	‘teu remo’
	'nete	‘colar’	nu-ne'te	‘meu colar’
	waxa'ju-tü	‘feijão’	nu-waxaju-'tü	‘meu feijão’
	i'txuwi	‘caracol’	p-itxu'wi	‘teu caracol’
	taku'wara	‘flauta’	nü-takuwa'ra	‘minha flauta’

iv) Por fim, no quarto subgrupo a possessão dos nomes registram somente os clíticos pronominais de pessoa/número ao serem possuídos; porém, a base permanece sem modificação alguma. Diferentemente dos inalienáveis, os nomes alienáveis não são marcados pelo sufixo *-i* ‘ABSOLUTO’, quando não ocorrem em uma estrutura de possessão. Exemplos deste tipo de nomes se registram em (8).

	<i>Não possuído</i>	<i>Glosa</i>	<i>Possuído</i>	<i>Glosa</i>
(8)	u'lepe	‘beiju’	p-u'lepe	‘teu beiju’
	kütu'la-ja	‘pelota’	nu-kütu'la-ja	‘minha pelota’
	'wäjü	‘joelheira’	nu-'wäjü	‘mina joelheira’
	pe'texü	‘roça’	nu-pe'texü	‘minha roça’

3.2 Estrutura morfológica da possessão nominal inalienável

Na categoria dos nomes inalienáveis encontram-se os termos que se relacionam com partes do corpo e parentesco, além de alguns nomes que mantêm uma relação íntima com o possuidor, tais como ‘arco’, ‘enxada’, ‘piolho’, ‘corda’, ‘roupa’, ‘caminho’, ‘mingau’, ‘nome’, ‘dança’, ‘canção’, ‘costume’, ‘idioma’, são nomes que geralmente têm relação com um ‘dono’.

Os nomes inalienáveis, enquanto dependentes, ocorrem sempre associados a um possuidor. Os marcadores relacionados à posseção nominal inalienável são indicados por clíticos pronominais, os mesmos que indicam também o argumento externo dos verbos transitivos e intransitivos. Esses proclíticos são formas reduzidas dos pronomes independentes: *na-tu* ‘1SG’, *pi-tsu* ‘2SG’, *ai-tsu* ‘1PL’, *yi-tsu* ‘2PL’. Não há um pronominal independente relacionado à terceira pessoa; porém, quando o nominal for possuído, podem ocorrer os prefixos *ini-* *~in-* *~i-* *~ün-* *~ü* para assinalar o possessivo de terceira pessoa, tanto nas formas do singular quanto no plural⁴³.

Os nomes subcategorizados como inalienáveis, ao não serem manifestados para um possuidor específico ou em construções indefinidas, devem ser obrigatoriamente marcados pelo sufixo *-i* ‘ABSOLUTO’ ou ‘NÃO POSSUÍDO’. Este morfema na língua mehinaku é um reflexo do proto-morfema ‘ABSOLUTO’ **-fi* da família linguística maipure arawak⁴⁴. De outro modo, os termos relacionados ao sistema de parentesco sempre se manifestam possuídos e nunca sem um possuidor. A continuação, apresentam-se alguns dados que mostram a estrutura desses dois tipos de posseção inalienável.

A. Termos de partes do corpo sem um possuidor, marcados pelos sufixo *-i* ‘ABSOLUTO’

(9a)	tí'w-i	‘cabeça’	hekira-'i	‘testa’
	utüta-'i	‘olho’	ju'hia-i	‘cílio, pestana’
	te'we-i	‘dente’	hala'pa-i	‘bochecha’
	tulü-'i	‘orelha’	henepu-'i	‘ombro’

⁴³ Angel Corbera Mori, «Aspectos da morfofonologia e morfologia nominal da língua Mehinaku (Arawak)», em *AltoXingu: uma sociedade multilíngue*, organizado por Bruna Franchetto (Rio de Janeiro: Museu do Índio- FUNAI, 2011), 193-216.

⁴⁴ Payne, «A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions», 379.

wana-'i	‘braço’	piyu-na'ku-i	‘garganta’
txitxu-'i	‘barriga’	ki-tsa'pa-i	‘pé’
wüxüku-'i	‘mão’	iyãpü'ku-i	‘pelos’

Pelo contrário, em construções genitivas a denominação das partes do corpo perde o marcado *-i* ‘ABSOLUTO’, mas, se precisa indicar a posseção através dos clíticos pronominais que referem ao possuidor, como se mostra nos dados seguintes.

- (9b) nu-ta'na-ka
 1-asa-CL.largo
 ‘minhas costas’
- nu-nupana-'taku
 1-peito-CL.LOC.área/superfície
 ‘meu peito’
- nu-kapü-tüu-'tari
 1-mão-cabeça-CL.redondo
 ‘meu dedo polegar’
- nu-wana-tü'pulu
 1-braço-calcanhar
 ‘meu cotovelo’
- pi-txapi-'tüwü
 2-mão-cabeça
 ‘teu dedo da mão’
- pi-tsüu-'kahü
 2-cabeça-CL.LOC.externo
 ‘teu cabelo’
- nu-waja'la-pi
 1-veia-CL.lineal
 ‘minha veia’
- pi-tsüu-naku-'tü

2-cabeça-CL.LOC.interno-CL.semente
‘teu cérebro’

ini-'txetu
3SG-joelho
‘joelho dele’

huku-ta-pai pa-ki-tsapa
3.lavar-VBLZ-IMPF 3.CORR-pé-CL.forma do pé
‘Ele/a está lavando sua (própria) perna’

Na língua mehinaku, como mencionamos anteriormente, os termos referidos ao sistema de parentesco ocorrem sempre ligados a um possuidor. Nesse sentido, construções marcadas com o sufixo *-i* ‘ABSOLUTO’ são agramaticais:

(10) Formas possuídas

Formas agramaticais

n-itsu-pa-lu	‘minha filha’	*itsu-palu-i
p-itsu-pa-lu-nau	‘suas filhas’	*itsa-pa-lu-nau-i
nu-tu-kaka-lu	‘minha irmã (+ velha)’	*tu-kaka-lu-i
a-wü-tü	‘nossa neta’	*wütü-i
nu-matü-xu	‘minha sogra’	*matü-xu-i
pi-tsanule	‘meu primo’	*tanule-i

ün-ünü	a-papaka-ta-pai	pa-itsu-pa-lu
3SG-mãe	VBLZ-ajuda-VBLZ-IMPF	3.CORR-ESTAT-FEM
‘a mãe ajuda sua (própria) filha’		

nü-pühüne	ãitxa-pai	pa-tãiyãu	tenu
1SG-cunhado	comer-IMPF	3.CORR-filho-PL	com
‘meu cunhado come com seu (próprio) filhos’			

4. Uso de morfemas classificadores em mehinaku

O mehinaku, ao igual que outras línguas da família arawak, caracteriza-se por recorrer ao uso de classificadores para se referir a nomes de animais, objetos, plantas, além de serem usados metaforicamente para denominar partes do corpo de seres animados (humano e não humano), e para se referir a partes de determinados objetos. Ao que tudo indica, alguns desses classificadores parecem ter sua origem numa forma lexical plena, que se juntam a outras bases nominais para formar palavras complexas, assemelhando-se à formação de palavras compostas. A princípio, os classificadores em mehinaku podem ser agrupados em: i) classificadores de forma, ii) classificadores de consistência e iii) classificadores locativos.

4.1 Classificadores de forma

Os classificadores de forma são os mais recorrentes em mehinaku, são marcadores que se relacionam com a configuração dos referentes, tais como as propriedades de serem longo, cumprido, côncavo, linear, esférico, cilíndrico foliforme, pontudo, plano, entre outros. Até agora temos conseguido registrar os seguintes classificadores:

- (11) -tari ≈ -tsari/-i ‘redondo’, ‘esférico’**
- (a) ka-tala-pai araukuma ü-tüu-tari
 ATRB-ferida-IMPF galinha 3SG-cabeça-CL.redondo
 ‘a cabeça da galinha está ferida’
- (b) yuma-tari-tüka akãi ü-tai
 verde-CL.redondo-ainda pequi 3SG-fruto
 ‘os frutos do pequi ainda estão verdes’
- (12) -pana ‘foliforme’**
- (a) pü-küxu-ta üxe panana u-pana-tüpe
 2SG-cortar-CAUDEM banana 3SG-CL.foliforme-PL
 ‘corte essas folhas de banana’
- (b) natüxa wanaka ata-pana-tari-hã
 3PL 3.abrir.PSSD árvore-CL.foliforme-CL.esférico-ENF
 ‘eles/elas abriram o livro’
- (13) -kiri ‘cuneiforme’, ‘afiado’**

(a) enüxa e-ke-kiri-tsa-pai kühũ
 homem 3SG-ATRB-CL.cuneiforme-VBLZ-IMPF faca
 ‘o homem está afiando a faca’

(b) ke-kiri-piai yaka ü-tewe-hẽ
 ATRB-CL.cuneiforme-IMPF jacaré 3SG-dente-ENF
 ‘o jacaré tem dentes afiados’

(14) -tapa ≈- tsapa/i- ‘em forma de cacho’, ‘volumoso’

(a) kau-pai nu-katü-tapa
 doer-IMPF 1SG-perna-CL.cacho’
 ‘minha panturrilha (batata da perna) doe’

(b) pahü iya pãi-tsapa
 macaco 3.IR.PSD casa-CL.cacho
 ‘o macaco subiu no teto da casa’

(15) -tü ∞-ti ≈-tsi/i- ‘semente’, ‘cilíndrico’

(a) aitsa yamuku-tü-pa-lu tsukahã nu-peku-yete
 NEG moça-CL.cilíndrico-EST-FEM beijar.PSSD 1SG-amigo-ASS
 ‘a moça não beijou meu amigo’

(b) i-ya-la nulu-ta-la ulei-tsi
 3-ir-FUT ralar-VBLZ-FUT mandioca-CL.semente
 ‘ela irá ralar mandioca’

(16) -pi ‘linear’, ‘curvilíneo’

(a) tünexu-nãu numa-ta-pai tuwa-pi-hã
 mulher-PL/COL fazer-VBLZ-IMPF esteira-CL.linear-ENF
 ‘as mulheres fazem esteira’

(b) kuwanu-pi kahüwapau nãi
 varal-CL.linear pendurada roupa
 ‘a roupa (está) pendurada no varal’

(17) -puku ‘recipiente’

(a) pitsa-puku pulekẽĩ-tü
 cabaça-CL.recipiente furado-CL.cilíndrico

‘a cuia está com buraco’

- (c) ü-puku-tü
3SG- CL.recipiente-CL.cilíndrico
‘(sua) cabeça do pênis’

(18) -kana ‘oco’, ‘côncavo’

- (a) makula-kana
barro-CL.côncavo
‘tipo de panela de barro’
- (b) ka-yana-kana-pai nu-nâi
ATRB-pintura-CL.côncavo-IMPF 1SG-roupa
‘minha roupa é colorida’

(19) -ka ≈ -txa/i_ ‘superfície larga plana e lisa’

- (a) nu-tâi pawãitxatü ule-i-txa-wa
1SG-filho sozinho roça-não.especificado-CL.superfície-LOC
‘meu filho está sozinho na roça’
- (b) pi-tsana-ka-itsa-pai makuku
2SG-assa-CL.largo-LOC-IMPF pernilongo
‘um pernilongo está em suas costas’

4.2 Classificadores de consistência

Os classificadores de consistência são morfemas que se juntam ao referente considerando suas propriedades de líquido, massa, elemento pastoso. Por enquanto, temos registrado os seguintes classificadores de consistência:

(20) -ya ‘líquido’

- (a) uku-ya-pai pã-i ü-nepü-taku-hã
podre-CL.líquido-IMPF casa-ABS 3SG-teto-CL.área-ENF
‘o teto da casa está podre’

- (b) tu-kawa-pa kupatü ü-püna-ya
 VBLZ-tomar.PSD-PL peixe 3SG-caldo-CL.líquido
 ‘(eles/as) tomaram caldo de peixe’
- (c) ahira tuka-pai ata-pulu i-ya-ki
 beija-flor chupar-IMPF árvore-flor 3SG-CL.líquido-não.especificado
 ‘o beija-flor chupa o suco das flores’
- (21) -pe ‘pastosa, cremosa, macia’**
- (a) tünexu-nãu ta-kutene ayu-pe yakaku-wĩ
 mueler-COL VBLZ-encontrar algodão-CL.pastosa mato-LOC
 ‘a mulherada encontrou muito algodão no mato’
- (b) hümu-pe
 socado-CL.pastoso
 ‘socado de passarinho’
- (c) mama tuma-pai ule-pe
 mãe fazer-IMPF beiju-CL.massa
 ‘minha mãe está fazendo beiju’
- (22) -mepe ‘amontoado’**
- (a) a-yuhiya-mepe-i
 1PL-cílios-CL.apinhado-ABS
 ‘nossas sobrancelhas’
- (b) kuxu-mepe-i
 púbis- CL.apinhado-ABS
 ‘púbis’

4.3 Classificadores locativos?

Temos identificado três morfemas com características locativas que ocorrem dentro do sintagma locativo, e que se relacionam com a propriedade semântica do referente envolvido. Quando ocorrem como posposições independentes, costumam receber o marcador pronominal de terceira pessoa singular. Essas três posposições que teriam a propriedade de classificadores são *-naku* ‘locativo interno.área’, *-taku* ‘locativo superfície.área’, *-penu* ‘locativo acima.área’.

(23) -naku ≈-yāku/i_ ‘superfície plana, área interna’

- (a) enüxa-tāi puluka-waka-ta-pai putaka-naku-wa
 homem-DIM pular-distributivo-VLBZ-IMPF aldeia-CL.interno.área-LOC
 ‘o menino está pulando no pátio da aldeia’
- (b) ünüxa emukawa pahü itsa-naku-itsa
 homem colocar.PSSD macaco canoa-LOC.interno.área-LOC
 ‘o homem colocou o macaco na canoa’
- (c) enüxa-tāi umuka kupatü ini-tsai pitsa-tāi-yāku
 homem-DIM 3.colocar.PSD peixe 3-ovo cabaça-DIM-CL.interno
 ‘o menino colocou os ovos do peixe na cuia’

(24) -taku - ≈-tsaku/i_ ‘locativo de superfície.área externa’

- (a) ukalu a-humai-tsa-pai amatü-taku-wa
 tatu CAUS-correr-CAUS-IMPF mato-CL.área-LOC
 ‘o tatu corre no mato’
- (b) tünexu a-waitsu-ta kehü-taku-wi-ku
 mulher VBLZ-lixo-VBLZ terra-CL.área-PERF-DCL
 ‘a mulher varreu o chão’
- (c) yuma-tüka akāi-tsaku-wi-ku-hã
 verde-ainda pequi-CL.área-PRF-DCL-ENF
 ‘o fruto do pequizeiro está ainda verde’

(25) -penu ‘locativo, superfície externa, encima de’

- (a) nu-peku-yete-nēu pataka-pai ata-tüu penu-itsa
 1SG-amigo-ASSER-PL sentado-IMPF árvore-cabeça CL.encima-LOC
 ‘meus amigos estão sentados no tronco da árvore’
- (b) fugãu u-penu-itsa-pai alata
 fogão 3SG-CL.encima-ILOC-MPRF panela
 ‘a panela está encima do fogão’
- (c) xã a-wüxüta-ta hüxuwākã-i xepi-penu
 3SG VBLZ-deixar-VBLZ cocar-ABS banco-CL.encima.de
 ‘ele deixou o cocar encima do banco’

5. Conclusões

Neste artigo tratou-se de dar uma visão panorâmica da realidade étnica, linguística e cultural da nação brasileira. Destacou-se o fato que há, pelo menos, mais de 150 línguas faladas pelos povos originários — indígenas — que são agrupadas em, pelo menos, 43 famílias e dois troncos linguísticos (o tronco macro-jê e o tronco tupi), além de seis línguas sem uma classificação definida e duas línguas crioulas. Também abordou-se resumidamente sobre o reconhecimento inicial da família linguística arawak, dando destaque principal ao mehinaku, língua atualmente falada no Território Indígenas do Xingu, Mato Grosso, Brasil. Mostrou-se alguns dados de sua organização estrutural em termos da ordem de seus constituintes, e algumas de suas características da morfologia nominal em relação à posse nominal, e a ocorrências dos morfemas classificadores usados pelos falantes mehinaku para indicar determinadas propriedades semânticas dos referentes.

No foi objetivo deste trabalho apresentar uma análise teórica dos dados incluídos como exemplos, mas mostrar para um público não especialista em linguística algumas das características gramaticais de uma língua indígena falada no Brasil.

REFERÊNCIAS

Aikhenvald, Alexandra Y. «The Arawak language family». Em *The Amazonian*

Languages, 65-106. Eds. R.M.W. Dixon e Alexandra Y. Aikhenvald.

Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

Brasil. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*.

Brasília, DF: Presidência da República, 2016

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Brinton, Daniel Garrison (1891). *La raza americana: Clasificación lingüística y*

etnográfica de las tribus indígenas de América del Norte y del Sur. Tradução de

Alejandro G. Perry. Buenos Aires: Editorial Nova, 1946.

- Corbera Mori, Angel. «Aspectos da morfofonologia e morfologia nominal da língua Mehinaku (Arawak)». Em *Alto Xingu: uma sociedade multilíngue*, 193-216. Organizado por Bruna Franchetto. Rio de Janeiro: Museu do Índio- FUNAI, 2011.
Disponível em: <http://etnolingustica.org/xingu>
- Corbera Mori, Angel e Jackeline do Carmo Ferreira. «Interpretação fonético-fonológica do Kustenau (Arawak) na perspectiva do método reconstrutivo sincrônico». Em *Diversidade linguística na América: línguas ameríndias*, v.1, 48-79. Eds. Dionei Moreira Gomes; María Alejandra Regúnaga e Arthur Britta Scandelari. Brasília: editora: Universidade de Brasília, 2022. Disponível em:
<https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/208>
- D'Angelis, Wilmar R. «Línguas indígenas no Brasil: urgência de ações para que sobrevivam». Em *Revitalização de língua indígena e educação escolar indígena inclusiva*, 93-117. Organizado por Anari B. Bomfim e Francisco V. Ferreira da Silva. Salvador: Egba, 2014.
- D'Angelis, Wilmar R. «Línguas indígenas no Brasil: quantas eram, quantas são, quantas serão?». Em *Revitalização de línguas indígenas: que é? Como fazemos*, 13-26. Organizado por Wilmar R. D'Angelis. Campinas: editora Kurt Nimuendajú, 2019.
- Dixon, R. M. W. e Aikenvald, Alexandra Y. *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- Franchetto, Bruna. «Línguas e História no Alto Xingu», Em *Os povos do Alto Xingu*, 111-156. Organizado por Bruna Franchetto e Michael Heckenberger. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- Gilij, Felipe Salvador. *Ensayo de Historia Americana o sea historia natural, civil y sacra de los reinos, y de las provincias españolas de Tierra Firme en la América Meridional*, v. I, II, III. Tradução de Antonio Tovar. Caracas: Biblioteca de la Academia Nacional de la Historia, 1965.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2010*. Disponível em:
<https://censo2010.ibge.gov.br/>
- Instituto Socioambiental. *Povos indígenas no Brasil: 2011-2016*, editado por Beto

- Ricardo e Fany Ricardo. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017.
- Loukotka, Čestmír. *Classification of South American Indian languages*. Los Angeles: Latin American Center, University of California, 1968.
- Mehinaku, Mayawari. «Empréstimos linguísticos na língua mehinaku». Trabalho de Conclusão de Curso. Barra do Bugres, MT.: Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.
<http://portal.unemat.br/media/files/Mayawari.pdf>
- Moore, Denny. «Línguas indígenas». Em *Os contatos linguísticos no Brasil*, 217-239. Organizado por Heliana Mello; Cléo V. Altenhofen e Tommaso Raso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- Moore, Denny; Vilacy Galucio Ana e Nilson Gabas Júnior. «Desafio de documentar e preservar línguas». *Amazônia. A floresta e o futuro. Destinos 3* (2008): 36-43.
- Noble, G. Kingsley. *Proto-Arawakan and its descendants*. Bloomington: Indiana University Press, 1965.
- Patte, Marie-France. *Parlons Arawak. Une langue amérindienne d'Amazonie*. Paris: L'Harmattan, 2008.
- Payne, David L. «A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions». Em *Handbook of Amazonian languages*, v. 3, 355- 499. Eds. Desmond C. Derbyshire; Geoffrey K. Pullum. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.
- Ramirez, Henri. *Línguas arawak da Amazônia Setentrional*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2001.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. «Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas». *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* 9, no. 1 (1993): 83-103. <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45596>
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. *Línguas indígenas brasileiras. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas*, 2013. Publicação Online. Disponível em:
<http://www.laliunb.com.br/>
- Seki, Lucy. «The Upper Xingu as an incipient linguistic area». Em *The Amazonian languages*, 417-430. Eds. R. M. W. E. Dixon e Alexandra Aikenvald Y.

Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

Steinen, Karl von den (1894). *Entre os aborígenes do Brasil Central*. Tradução de Egon Schaden. São Paulo: Departamento de Cultura, 1940.

CRedit – Taxonomia de roles de colaboração acadêmica

CONFLITO DE INTERESSE

O autor declara não ter qualquer conflito de interesse comercial ou de outra índole com a publicação do presente artigo na revista *Baciyelmo*.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece a colaboração do povo imiyehünaku (mehinaku) durante a coleta de dados linguísticos, alguns deles apresentados no presente artigo. Destaco, sobretudo, o apoio recebido pelo cacique Yahati, além dos amigos Yuta, Waxamani, Walter, Mayawari e Anapuata.

FINANCIAMENTO DA PESQUISA

Texto preparado sem financiamento específico.